

O Rio que me Desenha: Nascimento de um Professorar-Rio

Keitiane Pinho Burlamaqui¹; João Vitor Costa Cordeiro²; Mônica Silva Aikawa³; José Vicente de Souza Aguiar⁴; Rayssa Ercília Benlolo Moreira⁵

¹ Graduanda do curso de pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil. Kpb.ped22@uea.edu.br

² Graduando do curso de pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil, Jvcc.ped22@uea.edu.br

³ Doutora em Educação na Amazônia, Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil, maikawa@uea.edu.br

⁴ Doutor em Educação, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil, jvicente@uea.edu.br

⁵ Graduanda do curso de pedagogia, Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil. rebm.ped22@uea.edu.br

RESUMO: Este ensaio inscreve-se no campo da formação docente e da autobiografia em invenção de si, tomando o rio como imagem de força viva que atravessa e desenha um professorar em nascimento (ou produção). A partir de uma experiência junto à comunidade Três Unidos, às margens do rio Cuieiras, em diálogo com o povo Kambeba, trabalho propõe uma cartografia das afecções que constituem o corpo-professora em formação inicial em Pedagogia. Em fugas de métodos explicativos e predefinidos, a pesquisa adota a cartografia em metodossófia, inspirada em Deleuze, Guattari e Corazza, como modo de professorar e pesquisar em processos, encontros e deslocamentos emergentes no percurso. O texto articula memórias da infância, vivências no território e encontros com as infâncias, compreendidas como experiências que afetam e produzem saberes. Ao tensionar os modos tradicionais de pesquisar e formar professores, o ensaio afirma o corpo afeto, o inacabamento e o corpo, potências formativas e invenções de si, defendendo uma pesquisa que se faz no viver, no sentir e no deixar-se atravessar. O rio, entendido como cartografia viva desse professorar que pesquisa com as infâncias e o território, opera como força de experimentação, desconstituindo certezas e abrindo frestas para outros modos de existir, ensinar e aprender em diálogo com os modos de vida amazônicos.

Palavras-chave: Professorar-Rio; Infâncias, Corpo, Amazônia(s); , Pedagogia(s)



INTRODUÇÃO

NÃO PRECISO NECESSARIAMENTE DISSO PARA COMEÇAR

Desacomodar gestos naturalizados, esvaziar espaços saturados de imagens, criar porosidades para que novas imagens de formação, ciência e docência possam respirar. Sem vazios não há movimento.
(Chaves, 2018)

Durante muito tempo, acreditei que uma boa escrita acadêmica estivesse ancorada no domínio de conceitos, teorias e categorias que garantissem segurança e respostas sólidas. Aprendi que pesquisar era sustentar argumentos bem definidos e manejar grandes temas. E é isso também! Contudo, esse corpo-professora se incomoda e essa compreensão passou a me inquietar: de que vale uma pesquisa que não se permite o vazio nessa docência em formação na Pedagogia? Que não se abre às afetações que atravessam o corpo e o transformam ao longo do processo? Que outros modos de pesquisar na docência são possíveis?

Foi a partir dessas inquietações e dos encontros com a pesquisa autobiográfica pela invenção de si (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023) que este ensaio se inscreve sob a provocação “não preciso necessariamente disso para começar”. Não preciso, necessariamente, de conceitos que aprisionam, de técnicas que tentam dizer como devo ser professora, pesquisadora ou de rótulos que fecham frestas. Pesquisar, neste sentido, não se reduz à citação de autores ou à cópia de problematizações generalistas, mas se constitui como encontro consigo e, muitas vezes, como perda de si no próprio percurso.

Colocar-se na pesquisa não como narrador onisciente, coloca-se mais como aquele que sente, que se deixa afetar e que se permite viver a pesquisa como experiência. Assim como Manoel de Barros (2022, p. 39), “não quero ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às seis da tarde”. Recuso reduzir minha existência e minha pesquisa, a gestos automáticos e previsíveis. Esse movimento exige esvaziamento, estranhamento e coragem de habitar territórios instáveis. Como aponta Dias (2011, p. 130), trata-se de “desprender-se de si, uma coragem para lançar-se no sentido do proibido, uma travessia, uma experimentação”. Assumir o não saber, o não lugar e a instabilidade torna-se, assim, condição para começar.

É nesse contexto que inicio um mergulho autobiográfico de um professorar em formação na Pedagogia, retornando à minha primeira infância, vivida nas margens da Feira da Panair, neta de pescador, atravessada pelos rios, pelas pescas e pelos banhos de ervas que curavam os dias. Essa relação primeira com as águas funda uma pesquisa feita com o corpo, um corpo infante de uma mulher amazônida que sente antes de saber e que se constitui em uma “escritura-criação que flerta com as artistagens do mundo contemporâneo” (Chaves, 2016, p. 146).

Guiada pelos rios e por seus meandros, minha trajetória acadêmica se inicia na graduação, atravessada pela experiência da iniciação científica, com foco nas corporeidades indígenas. Embora corpo e corporeidade tenham sido eixos recorrentes desse percurso, somente mais tarde voltei o olhar para o meu próprio corpo-professora em formação. Esse deslocamento fez emergir inquietações que hoje se desdobram nesta escrita.

Os rios, compreendidos como entidades vivas, portadores de histórias, tempos e espacialidades próprias, conduziram-me ao encontro com a comunidade Três Unidos, nas margens do Rio Cuieiras, e ao afetamento com o povo Kambeba. Esse encontro convocou-me a desacelerar, a suspender certezas e a habitar o tempo da escuta: “[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes.” (Larossa, 2002, p. 19).

É nesse processo que me encontro com outras infâncias que possibilitam revisitar minha própria infância como experiência que retorna em fluxos de intensidades nesse si que segue em devir. Não busco conceituar ou rotular as infâncias, mas vivê-las em presença e afetamento. “Interpretar-me, não pretendo! Apenas vivo! Encorajo, encorajo-me a trilhar, trilham-me!” (Costa; Oliveira; Aikawa, 2023).

Nesse sentido, este trabalho não se orienta por objetivos fechados ou previamente definidos, mas por intenções que se desenham no caminhar (ou mesmo navegar, navegar-si), à medida que o rio me atravessa e me convoca à escuta. Assim, busco cartografar um professorar-rio, acompanhando por seus afetamentos, deslocamentos e aprendizagens que emergem da experiência junto às infâncias e ao território Kambeba, reconhecendo o corpo como lugar primeiro de saber, enquanto experimentação de si. Ao mesmo tempo, procuro tensionar-me frente aos modos tradicionais de pesquisar e formar professores, afirmando a

cartografia, o afeto e o inacabamento como potências formativas, capazes de deslocar a centralidade do método explicativo e abrir frestas para outras formas de existir, ensinar e aprender em diálogo com os rios, as infâncias e os modos de vida amazônicos.

MERGULHO METODOSÓFICO

Este trabalho configura-se como um recorte da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvida no âmbito da formação inicial docente em Pedagogia, e adota a cartografia em metodosofia, ancorada na perspectiva de Deleuze e Guattari. Tal escolha se dá à medida que compreendo que “a cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da exploração” (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 163).

Assim como os rios, a cartografia opera em movimento não linear, acompanhando encontros, desvios e intensidades que emergem no percurso. Em diálogo com a noção de metodosofia (Corazza, 2020), este ensaio realiza recortes em espaços e tempos não para fixá-los, mas para acompanhar seus fluxos, permitindo que o método se construa no próprio caminhar. Nessa perspectiva, não busca oferecer respostas fechadas ou conclusões definitivas, visto que a cartografia acompanha acontecimentos, afetamentos e intensidades. Aqui esse corpo-professora narra seus encontros e atravessamentos na formação, que se depara com um modo de pesquisar que se faz no errar, no desviar-se e no viver a experiência.

A metodosofia -incita-se pela ruptura com a compreensão tradicional de método enquanto busca de explicações totalizantes, entendidas como “estudo sistemático, feito para chegar ao motivo e à razão do logos de um ato cotidiano” (Corazza, 2020, p. 14). Ao abandonar o *logia* e incorporar o *sofia*, o método corazzeano acolhe uma sabedoria atravessada por afectos e perceptos, em um entrelaçamento entre arte, ciência e filosofia e as experiências de existências no mundo.

Dessa forma, a cartografia das afecções deste professorar-rio em formação, operando em metodosofia, não visa interpretar ou explicar o vivido a partir de categorias prévias, mas vivê-lo e cartografá-lo no encontro com o território Kambeba. Trata-se de um fazer que se constrói na afecção, no deslocamento e na errância, permitindo que o processo

de formação se inscreva enquanto é vivido. Ao trilhar (des)caminhos, navego pelos rios cartografando meu processo enquanto professora em formação e minhas afecções.

1.O Rio que Sente: Nascente Rizomática de um Professorar

“Todo rio nasce com desejo de contar histórias”

(Couto, 2011)

Os rios são entidades vivas, contadores de histórias, guardiões das reminiscências mais bonitas, próprias e saudosas. É dele que deságuam as experiências desta professora em formação, que busca desviar-se dos agenciamentos da tradição, que desvirtuam o pensar, produzem imagens distorcidas e fabricam sujeições que engessam as pesquisas (Franco, 2025, p. 130). Desejante de histórias e guardião de memórias, o rio presenciou minha partida de Manaus rumo à comunidade, em um trajeto atravessado por pressões: pressão para escrever, para sentir e para deixar-se afetar. As primeiras horas de viagem foram marcadas por folhas rasgadas, ideias fragmentadas, sentimentos confusos, conceitos precipitados e um caderno que já não me suportava mais, encarando-o como quem tenta conter um excesso. Eu era o excesso, naquele momento, um corpo saturado de órgãos, funcional, impulsionado a ser produtivo, excessivamente interpretativo e que não se permitia simplesmente sentir.

Foi somente quando o vento tocou meu rosto e as gotículas de água encontraram meu corpo que algo em mim começou a ceder. Permiti-me, então, sentir a água como fazia na infância, nas idas ao “outro lado”. Parei. Toquei a água com as mãos, molhei o rosto, os braços, deixando que o corpo lembrasse o que é sentir antes de pensar. Uma reminiscência sinestésica que cura, guardada pelo rio, esse que, como afirma Mia Couto (2011), não é apenas um curso d’água, é uma entidade viva, vasta e múltipla, carregada das histórias de inúmeros sistemas vivos. “Todo rio nasce com desejo de contar histórias” (Couto, 2011, p. 169). As águas são compostos químicos, são trajetórias por onde as vidas percorrem e são vidas.

É nesse encontro que nasce, ou melhor, que se deixa nascer, um professorar em formação, que imerso no acúmulo de técnicas ou certezas, deixa-se afogar por afetos. Um professorar que (re)começa no instante em que me permito a desimportância, quando deixo



de ser centro, quando abandono o controle e aceito ser atravessada pelo rio que habita em mim.

Nascente deste professorar, o rio se apresentou para mim como um emaranhado, como rizomas, brota pelo meio e cresce sem rumo (Deleuze; Guattari, 2011). Durante o trajeto até a chegada à comunidade, percebia que não havia começo nem fim claros, apenas um “entre” deleuze-guattariano que se fazia a cada curva do rio, a cada afluente que surgia e se misturava às águas. Nesse movimento, algo em mim também se desenraizava.

As certezas que eu carregava sobre ensinar, pesquisar e observar começaram a ser lentamente deslocadas, como se o próprio rio me convidasse a soltar o que já não cabia naquele percurso. Esse convite ao deslocamento tensionava diretamente a forma como uma pescadora outra do ato de pesquisar, pois até então meu caminhar acadêmico havia sido orientado por trilhas mais estáveis e previamente demarcadas.

Pensar, teorizar, escrever e comprovar foram, por muito tempo, os passos que aprendi a seguir na pesquisa acadêmica, e esse foi o caminho que percorri ao longo da graduação. Nele, desenhei o rio que me compunha, tracei rotas para o meu professorar e construí mapas que, embora rigorosos, existiam sobretudo no papel. Eram percursos pensados, organizados, metodologicamente coerentes, mas que muitas vezes só faziam sentido no plano da escrita, distantes do corpo que vive, sente e se deixa atravessar.

Cartografar minhas afecções, ou melhor dizendo, permitir-me ser cartografada, deslocou esse modo de pesquisar. Deixar-me divagar pela pesquisa, abandonar o controle excessivo do trajeto e simplesmente vivê-la tem sido uma tarefa desafiadora, pois me foi ensinado a conduzir, a explicar, a comprovar mas raramente a habitar, a habitar-me. Não fui ensinada a colocar a cadeira para fora e observar o movimento, só quando era criança. Como nos provoca Costa (2025, p. 44), “às vezes o melhor a se fazer em uma pesquisa é colocar a cadeira para fora e ‘olhar o movimento’. Observar não somente as pessoas, mas tudo que ali se move, inclusive sua própria cartografia”.

Na vivência na comunidade, fui convidada a esse outro gesto de pesquisa: olhar e deixar sentir a natureza, as pessoas, os cheiros, os cantos dos pássaros, as vozes das crianças, os sons do rio e da floresta. O convite não foi oficial como em bancas de TCC ou

aniversário, foi um convite com o corpo: Atar a rede no chapéu de palha, pisar no chão descalça, conversar sobre a vida e o si no coletivo, sentar e observar ao redor. Assim, esse corpo-professora que pesquisa pôs sua cadeira para fora e viu crianças tomando banho de rio, corpos pequenos e livres em diálogo íntimo com a água, viu botos surgindo e desaparecendo nas águas escuras do rio Cuieiras, viu barcos atracando, trazendo e levando histórias, tempos e presenças. E sentiu-se em habitações de sua vida infante em fluidez com o rio.

Nesse cenário, pude presenciar algo que não se escreve facilmente em protocolos, um professorar em nascimento. Um professorar da calma, do ócio e do aion como indeterminação. Um professorar que não se submete à urgência de pensar, teorizar, escrever e tampouco comprovar, que se permite sentir. Um professorar que aprende com o tempo do rio. Atar a rede na estrutura do chapéu de palha após o almoço foi um ato repetido, quase ritualístico, regido pelos cantos dos japiins e por um tempo que corre diferente do tempo cronológico. Um tempo da calmaria, das pausas longas, das histórias entoadas entre a produção do artesanato, das conversas que brotam sem pressa. Um tempo que se faz entre as mãos marcadas pela tinta extraída do jenipapo, pelos grafismos inscritos nos corpos, por uma linguagem iconográfica que fala sem palavras, sobre a cultura, os costumes e a vida do povo da etnia Kambeba.

Ali, força e resistência se inscreveram também no meu corpo, através do grafismo que me atravessou e se fez marca. Marca que foi levada pelas águas junto com a ansiedade de uma pesquisadora que, pouco a pouco, permitiu-se vidar. Permitiu-se desacelerar, sentir e existir no fluxo do território, reconhecendo que a pesquisa não se faz apenas de conceitos, ela se faz de encontros, de afecções e de disponibilidade para ser tocada pelo que acontece.

E foi ali, no segundo dia da vivência, por volta das dezessete horas, que o sol laranja, ao beijar as águas, presenciou o outro nascimento deste professorar-rio. Um professorar que se banhou nas águas da lembrança, que brincou com as crianças, que aprendeu com elas e que, naquele instante, percebeu que o rio ensinava mais do que a escola, nos moldes ocidentais. Um rio que carrega histórias, vidas e que se faz rizoma, desaguando nesta professora em formação e cartografando-me, ao mesmo tempo em que me convidava a traçar mapas afetivos capazes de deslocar o modelo vigente de pesquisa.



“A cartografia e a pesquisa rizoma nos inspiram com seus modos ético, estético e político de ver o mundo e, com suas práticas e procedimentos de pesquisa, favorecem a sensibilização de outras formas de entendimento que fogem à representação ou à simples reconhecimento do real, em outras palavras, a busca pelo saber o que já se sabe” (Cunha, 2022 p. 24).

Sendo o rio, esta cartografia viva que deságua neste professorar atua no movimento de desconstituí-lo e, ao mesmo tempo, de recriá-lo, permitindo a (des)construção de mapas afetivos que emergem da experiência, da experimentação de si com os encontros.

O rio operou como força de experimentação, deslocando este corpo e fazendo falar aquilo que, muitas vezes, apenas sussurra às portas do fora ou na rede pendurada após o almoço. A cartografia, nesse sentido, não busca fechar sentidos ou produzir verdades acabadas, mas abrir frestas, provocar deslocamentos e sustentar o inacabamento como potência.

“Em vez de nos fechar em juízos, a cartografia permite-nos criar protocolos de experimentação de um horizonte deslocado que nos desafia. Abre outros espaços, não apenas alternativos ao que existe: faz falar aquilo que sussurra às portas do fora” (Landaeta, 2025 p. 53).

O rio meandante ajudou-me, sem tornar-se linear, a conhecer algo de seus próprios meandros sem a necessidade de ordená-los, sem conter seus desvios, sem impedir que seus afluentes corresse livremente pelo território. Assim como não impediu que este corpo-professora continuasse a se complicar, a se planejar e a recalcular suas rotas. Afinal, a cartografia em rizoma, ou o rio em fluidez, não busca estabilidade, busca movimento. Não aponta para um destino fixo, rumo para uma mudança iminente.

“Somos todos feitos de um emaranhado de linhas, e o mapa ajuda precisamente a conhecer algo desse emaranhado, sem necessidade de ordenar nada, sem necessidade de impedir que as linhas continuem a complicar-se: o mapa rizoma não é um instante do emaranhado atual, mas a bússola que aponta para mudança eminente” (Landaeta, 2025 p. 53)

Este rio que me atravessa não se encerra aqui. Ele me desenha e redesenha em outros emaranhadas afluentes de mim à medida que sigo permitindo que suas águas encontrem meu corpo, minhas palavras e meu modo de professorar e pesquisar em pedagogias amazônicas. Não como forma própria, como traço em movimento, como linha que se refaz nos

encontros. Ao permitir que o rio me (re)desenhe, aceito o inacabamento como metodossófia e o afeto como bússola.

Permitir que o rio me (re)desenhe é aceitar que minha cartografia não se fecha em mapas estáveis, pois se inscreve nos desvios. É reconhecer que o conhecimento que emerge desse percurso nasce da pressa de comprovar, e também do desejo de sentir as vidas em seus movimentos. E, enquanto este rio seguir correndo, seguirá também este corpo-professora-que-pesquisa, em fluxo, em devir, deixando-se cartografar pelas águas do rio e tornando-se um corpo-rio outro.

(IN) CONCLUSÃO

O mergulho deste corpo-rio não se encerra nesta escrita, segue em movimento, abrindo frestas por onde outros encontros, afetos e acontecimentos continuam a escorrer, a vazar. O que se inscreve neste trabalho é um ponto de chegada, é um ponto de partida, é um cais, é deriva, é uma passagem em que linhas se cruzam, se afastam, se reencontram e fogem, desenhando um professorar próprio, amazônida, mulher, criança que permanece em devir.

A experiência cartografada produziu respostas temporárias, estabilizou os sentidos neste tempo-pesquisa de iniciação científica. Assim como fez emergir deslocamentos, desacomodações e a necessidade de sustentar o inacabamento como potência formativa. O mergulho acadêmico dessa formação docente em Pedagogia vivido até aqui ensinou que pesquisar pode fechar mapas, e pode, principalmente, aprender a habitá-los, permitindo que o corpo, o território e as infâncias continuem a falar, mesmo quando a escrita o silencia.

Assim, esta (in)conclusão finaliza este percurso e incita-se em prolongamentos, de si, da pesquisa, do professorar com as infâncias e amazônias. As linhas abertas seguem vibrando para além do texto, convocando outros mergulhos, outras escutas, outros sentires e diferentes modos de estar na docência e na pesquisa. Enquanto o rio seguir correndo, seguirá também este professorar-que-pesquisa, esse corpo-rio, deixando-se desenhar pelas águas do vivido, afirmando a pesquisa como experimentação de si e a formação como ato inconclusivo, que se (trans)forma, tal como os rios com os movimentos das suas águas em fluidez com as vidas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

CHAVES, Sílvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Orgs.). Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 45–68.

CHAVES, Silvia Nogueira. Formação, ciência e arte: autobiografia, arte e ciência na docência. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Oikos, 2020.

COSTA, Luciano Bedin da. Dez alertas do que não fazer em uma cartografia. In: CUNHA, Claudia Madruga; COSTA, Luciano Bedin da; MARDONES, Patrício Landaeta (Orgs.). Conversações sobre a cartografia: em educação e áreas afins. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

COUTO, Mia. E se Obama fosse africano? São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CUNHA, Claudia Madruga. Cartografia: insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

DIAS, R. M. Nietzsche, vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FRANCO, Repinoski Liliane. Conversações Entre Educação Especial e a Cartografia Deleuzeguarriana. In: CUNHA, Claudia Madruga; COSTA, Luciano Bedin da; MARDONES, Patrício Landaeta (Orgs.). Conversações sobre a cartografia: em educação e áreas afins. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

LANDAETA, Patricio. A Cartografia de Deleuze e Guattari Uma Clínica de Outros Possíveis Mundos. In: CUNHA, Claudia Madruga; COSTA, Luciano Bedin da; MARDONES, Patrício Landaeta (Orgs.). Conversações sobre a cartografia: em educação e áreas afins. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

LARROSA, J. B. Literatura, experiência e formação. In: _____. Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. COSTA, M. V. (org.). ed. 2. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira; AIKAWA, Monica Silva. Retrato da autobiografia enquanto coisa. Revista ClimaCom, Ciência. Vida. Educação, ano 10, n. 24, 2023. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato>. Acesso em: 15 jan. 2026.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 3 (69), p. 159–178, set./dez. 2012.

